

## Introdução a discussão da arte nos rituais africanos

Rita de Kasia Andrade Amaral<sup>1</sup>

*Refletindo sobre esse continente Africano temos que perceber que sua formação atual sofreu influencia dos moldes europeus gerando uma série de conflitos na formação de suas identidades nacionais devido ao corte territorial que não respeitava suas divisões tribais. Com isso percebemos que a cultura é a grande forma de resgate da sua história original através da oralidade, cultos e cerimônias.*

*Nessas manifestações culturais a música e a dança tem papel fundamental no decorrer da mesma. É através de cânticos específicos que os pedidos são Orixás, onde cada um possui suas próprias músicas e formas de bater os atabaques, como também passos específicos nas danças. Essas normas são rigorosamente seguidas devido ao fato de que qualquer erro pode acarretar no mau funcionamento da cerimônia e ate mesmo ao desagrado do Orixá que se deseja alcançar uma graça. Através do uso de máscaras e de objetos que auxiliam no toques rítmicos cada local se diferencia.*

### Introdução

Esse artigo tem o propósito de responder a pergunta de como a música é usada nos rituais africanos. Esses são envolvidos pela música, como veremos mais a frente, não tendo como separá-los.

A pergunta feita acima, no qual se faz a base desse artigo, é de fato bastante curiosa e quanto mais se estuda sobre o tema mais se percebe o misticismo que a envolve, como também a variedade nas respostas encontrada em cada povo. Porém antes de responder tal pergunta temos que entender que os povos africanos possuem um mapa linguístico que não coincide com os tipos étnicos, ou seja, as classificações linguísticas nem sempre tem a ver com os grupos antropológicos. Sendo assim a pesquisa sobre o continente acaba sendo bem mais difícil, sem contar os problemas das fontes, como o caso dos bantus que não possuem uma unidade racial, mas sim cultural com seus dialetos com características comuns.

Um dos povos que irei tratar são os bantus, onde estudiosos dizem que o ponto de dispersão das línguas bantus teriam sido os planaltos da Nigéria e da República dos Camarões. Munidos de inhame e também de instrumentos de ferro, os povos desse dialeto penetraram na selva durante os primeiros séculos da era cristã. Por volta do século VII ou VIII, os povos bantus se encontravam na região dos grandes lagos se multiplicando e chegando até o Congo. Essa expansão foi ampla e rápida, porém foi um processo de colonização, pois

foi uma exploração de terras totalmente desocupadas, como nos diz Mario Custris Giordani no livro História da África, anterior aos descobrimentos.

O Reino do Congo é um dos maiores estados africanos ao sul do Saara, ocorrendo ali uma proliferação de pequenas hegemonias: ao norte do estuário, o Loango, o Kakongo, o Ngoyo; ao sul, o Mbata, o Mbamba, o Mpemba, o Nsundi, o Mpangu e o Sonyo; ao sul do rio Kwanza, o Ndongo e no centro disso tudo o reino do Congo. O Congo era formado por povos de origem banto, e teria sido fundado pelo início do século XV.

Outro povo importante são os iorubás. O historiador Bertaux declara: "O povo dos iorubas é o único povo negro que tendeu espontaneamente para aglomerar-se em grandes cidades, o único cuja realização política teve uma base urbana. Ibadan é a primeira grande cidade negra do continente". A origem desse povo ainda é discutida, o que se sabe é que se constitui da mistura de diferentes grupos. Alguns de seus antepassados viviam na terra dos Iorubás, que seria uma terra a oeste do Baixo Níger, durante a época remota da Idade da Pedra, havendo outras teorias sobre seu início. Um dos reinos iorubas mais notáveis foi o de Oyo.

A religião é um ponto importante quando buscamos entender as relações que cercam as Áfricas. Temos que ter em mente que na África ocorreu três religiões fundamentalmente distintas; o que se denominou paganismo, o cristianismo e o islamismo. O primeiro se encontra presente em todos os séculos da História da África, enquanto o segundo floresceu nos primeiros séculos da era que nos encontramos, no Egito e na África Setentrional, fora a sua vinda através dos descobrimentos. A islamização ocorre antes dos descobrimentos, porém esse artigo pretende focar nas religiões consideradas pagãs.

A tradição é algo de muita importância na cultura africana, sendo a oralidade uma das principais propagações de suas concepções de vida. A. Hampaté Bâ escreve que "Deve-se ter em mente que, de maneira geral, todas as tradições africanas postulam uma visão religiosa do mundo." O paganismo negro é constituído de um pluralismo religioso. Essas religiões possuem pontos em comum, porém divergências também ocorrem levando em conta a situação geográfica, os modos de vida, eventos históricos e também a estrutura social. A natureza é algo que marca profundamente a religião africana, tendo um tipo de personificação dos animais, pedras e plantas, sendo o homem parte dessa natureza, onde a sua vida depende das forças naturais e invisíveis que o protegem ou o ameaçam.

A vida do indivíduo está completamente ligada ao grupo social, pois essa ligação vai além da morte, devido ao fato de que os antepassados possuem uma grande influência nos vivos. Davidson nos diz que "os deuses (...) ligam-se a este em condições expressas pelos mitos e pela cosmogonia. A religião é o elo essencial dos membros do grupo e, ao mesmo tempo, do grupo com os deuses".

Para a África negra o cosmo seria como um "oceano" e o homem um "peixe", que é parte desse todo. O mundo que é invisível se torna visível através dos sinais, e partindo desse

ponto é que entendemos a importância das cerimônias. Tudo é um rito, até mesmo o mais humilde gesto do ferreiro. As cerimônias coletivas são os rituais maiores, a mais alta expressão da vida moral, social e intelectual do grupo e visa uma finalidade.

A religião considerada pagã reconhece um ser supremo, o “grande primeiro”, este “primogênito do mundo” é considerado o criador do mundo vivo. Esse Deus residiria muito longe como punição da falta humana, pois de acordo com os mitos houve um tempo em que Deus e o céu estavam ao alcance do homem e o todo-poderoso se distancia, com isso vem a explicação do porque que na religião africana quase nunca se dirigem a Deus, pois ele não precisa dos homens. Abaixo da divindade suprema encontra-se uma verdadeira multidão de deuses que atuam permanentemente no mundo. São deuses representados pela força da natureza, espíritos que habitam nas florestas, que protegem determinadas aldeias e clãs, como também os próprios antepassados. Além dos deuses existem os gênios que interferem na vida humana. Como por exemplo, os woklo-u, pequenos gênios de Mandinga que erram em torno das casas e roubam alimentos. Alguns gênios, mediante oferendas, revelam segredos em sonho.

Quanto aos antepassados, cada família é protegida por seu patriarca e ancestrais. Além disso, os próprios animais e minerais possuem seu lugar. Para os mandingas existem animais protetores tais como crocodilo, o píton, a tartaruga, etc. Em alguns povos também existem a concepção de parentesco entre clãs e um determinado animal. Clãs de iorubá tem nomes de animais: carneiro, elefante, etc. Convém lembrar também que os astros são também divinizados.

O homem também tem sua importância no cenário religioso, sendo ele dividido em três princípios o corpo, o princípio sensitivo e um princípio mais espiritual e personalizado que distingue o homem do animal e entre si. Seguindo esse princípio existe uma liberdade de ação em relação ao corpo, podendo ser separado durante o sono e até mesmo ser capturado por outras forças.

O essencial dos ritos é o sacrifício que transfere forças não só em benefício do sacrificador, mas também em favor do espírito a que se dirige. Há festas que acompanham o sacrifício duram vinte e dois dias e compreendem danças e bebidas. As cerimônias rituais se cumprem quer em templos, em casas de família, ao ar-livre. Nas danças são usadas máscaras de madeira com formas e cores estilizadas simbolizando animais, pássaros, personagens, etc.

Os sacerdotes são homens que acumularam maior soma de forças vitais através de sua experiência, de seus conhecimentos e de sua situação. O período de sua formação dura de dois a três anos, guardando a castidade e abstêm-se do álcool.

Existe também a magia praticada por adivinhos-curandeiros, pessoas especializadas que revelam qualidades excepcionais para interpretar a vontade dos deuses e possuem dons curativos.

## A arte nos rituais africanos

A música não deve ser somente uma arte do espírito e da alma, mas também do corpo. A música cabe expressar, no plano humano, a harmonia dos vastos ritmos do universo. Assim, a dança deve ser um estado em que o dançarino se vista das forças vitais que gravitam em torno dele para estar de acordo com os ritmos do cosmo, identificando-se com eles e participando da ordem universal.

A música tem de utilizar sons rigorosamente modulados para expressar ideias e sentimentos ligados a certo ritual. Por intermédio do chamado aos espíritos ancestrais e entidades superiores a música cria um vínculo entre o mundo dos vivos e o dos mortos e das divindades.

Existe uma música para cada etapa da vida humana, o nascimento, infância, puberdade e da idade adulta, como também para casamentos e funerais. Os ritos de iniciação que se cumprem na puberdade proporcionam ao jovem, com o indispensável auxílio da música, uma instrução sistemática, destinada a ajudá-lo a passar da infância à fase adulta.

O culto é uma prática religiosa que envolve a realização de atos e palavras de devoção, em honra de uma ou várias divindades. São esses atos e palavras que tomam a forma de ritos e cerimônias e que podem compreender a prece (adúrà), invocação (èjúbà), elaboração de oferendas (rúbo), cânticos (orun), manifestação de divindades (gbà òrìsà), toques de atabaque (iró ìlu) e a dança (ijó), conforme a exigência do momento.

Um culto (isin) pode ser particular, coletivo ou até festivo. Em todos esses momentos a pessoa sente que está na presença de sua divindade. Para isto sua divindade é invocada para abençoá-lo e apoiá-lo através de rituais específicos que seguem normas estabelecidas e fixadas por tradições de à . A religião yourubá sempre foi transmitida através de tradições orais. Os participantes do culto tem, além de suas atividades religiosas, umas ocupações de preservar a conduta tradicional do ritual e a sua prática dentro das normas estabelecidas. Qualquer palavra erradamente proferida ou cântico impróprio irá acarretar desagrada ao òrìsà. Pede-se ao òrìsà, porém a sanção final é prerrogativa do Ser supremo, sendo esse o ponto diferencial entre religião e magia, por isso, entre oração e encantamento.

Relatos de viagens empreendidas aos litorais vizinhos na região do golfo de Benin foram feitos pelos primeiros navegantes já a partir do século XV. Os conceitos sobre as religiões africanas basearam-se em suas observações e as divindades dos negros foram batizadas com o nome “fetiche”, que tem sua origem na palavra portuguesa feitiço. Somente no século XVII foram transmitidos pelos viajantes informações sobre a costa dita dos escravos e no século XIX que temos informações diretas sobre o território yourubá. A definição adotada para os “fetiches” foi aplicada aos deuses dessas regiões sem que eles fossem mais bem estudados, sendo até hoje chamados dessa forma. Para tentar definir o que são òrìsà e

Vodun é indispensável rever o que os antigos viajantes e os autores mais recentes publicaram sobre o tema.

A música, devido ao ritmo dos atabaques (ilú), a melodia das vozes (k rin) e pelos movimentos (asínniji), gera um grande misticismo. O ritual da dança tem seu apoio nos mitos (itan) do òrisà reverenciado e que está associado aos cânticos, quando palavras e movimentos se associam celebrando histórias e grandes feitos.

A maioria das danças é de normas fixadas e elas devem ser feitas corretamente, adquirindo formas definidas, dependendo do òrisà festejado.

A exatidão é vista como uma obrigação sagrada, caso contrário pode levar ao não funcionamento do ritual. A “linguagem” dos instrumentos musicais são frequentemente designados para orientar os dançarinos em seus movimentos. São formas de percussão que produzem sons especiais ligados a um ou mais òrisà.

Outras formas de toques costumam ser utilizadas, como o adabun, Sato e Bravun, embora sejam destinadas aos Voduns dos candomblés jeje, savalu, modubi e mahin.

Os instrumentos utilizados são três atabaques de tamanhos diferentes, do maior para o menor, denominados na liturgia jeje de Hun, Hunpi e Le, e nos cultos nagôs Ìlù, Ìlù òtún e Ìlù òsì. É o tipo de culto apresentado que define o tipo de acompanhamento dos instrumentos, que pode ser até uma simples cabaça percutida com pequenas varetas e denominadas Àtòrì, que são os mesmos Agidavi, dos candomblés jeje. As danças seguem as características do òrisà reverenciado.

No Congo, a religião e a magia interpenetram-se e são inseparáveis. Através de processos mecânicos e fórmulas fixas, o nganga, ou quimbanda, trabalhando para uma pessoa determinada, vai estabelecer a comunicação entre o mundo dos vivos e dos espíritos em busca do equilíbrio da comunidade, dentro das leis universais e inflexíveis criadas por Nzambi.

Só quando é usada para provocar malefícios a magia se afasta da religião e a profana. O feiticeiro é um modelo de tudo aquilo que um verdadeiro homem não deve ser.

Para os ambundos, os espíritos são antigos seres humanos que, sobre a face da terra, aprenderam hábitos e dominaram, de diversas maneiras, as múltiplas práticas da vida cotidiana. Após a morte eles passaram ao mundo espiritual, de onde se comunicam com os vivos por meio dos xinguiladore, ou seja, médium e intermediários, pessoas que revelam presente, passado e futuro. É dos espíritos que vem o bem e o mal.

São vários os instrumentos musicais usados nos toques, quase sempre os mesmos para todas as “linhas”. Entre os atabaques nota-se alguma diferença no modo de amarrar o couro, onde

em Angola se dá diretamente à madeira e em Nagô com uma cunha. Há também certa diferença no modo de tocar o instrumento, em que os nagôs e os Angolas batem no couro diretamente com as mãos sendo que os gêges usam um cipó chamado ô ghidavis.

A arte africana se preocupa em atingir o coletivo de forma útil como também sagrada e dessa forma acaba se diferenciando das manifestações ocidentais que acabaram julgando como de caráter inferior. As máscaras estão ligadas aos rituais africanos assim como as músicas e as danças, todas essas juntas formam a base de tais práticas religiosas, onde os africanos entendem por máscara toda a roupa que veste o dançarino. Suas formas são feitas através da preocupação de se conectar com o divino e por isso não parecem com rostos humanos, porém para ocorrer à conexão entre o mundo invisível e o visível a máscara ganha um corpo.

A Nigéria, uma região yourubá se utiliza das máscaras nos rituais das Sociedades Geledé, como nos fala Luzia Ferrera. A mulher possui uma grande importância e sempre respeitada, pois é por ela que a vida é gerada, e para demonstrar suas forças nos rituais quem dança mascarado são os homens vestidos de mulheres.

Percebemos então que a música, a dança e as máscaras são interligados e representam as necessidades específicas de cada Orixá ou ancestral que se deseja entrar em contato. Para entendermos tais cultos temos que levar em conta que diferentemente do ocidente a religião africana, principalmente a subsaariana, possui características diferentes da religião católica e com isso a sua divisão social e moral são bem específicas.

Tais rituais encontram na mitologia a base da espiritualidade, o entendimento do mundo e da fé. Diferentes formas culturais nasceram dos yourubás e ajudam a montar essa grande “colcha de retalhos” que é a cultura africana, com suas diversidades, como nos diz Pierre Verger:

“O termo Orisá nos parecera outrora relativamente simples, da maneira como era definido nas obras de alguns autores que se copiaram uns aos outros sem grande discernimento, na segunda metade do século passado e nas primeiras décadas deste. Porém, estudando o assunto com mais profundidade, constatamos que sua natureza é mais complexa. Léo Frobenius é o primeiro a declarar, em 1910, que “a religião dos iorubás tal como se apresenta atualmente só gradativamente tornou-se homogênea. Sua uniformidade é o resultante de adaptações e amálgamas progressivas de crenças vindas de várias direções”. Atualmente, setenta anos depois, ainda não há, em todos os pontos do território chamado Ioruba, um panteão dos orixás bem hierarquizado, único e idêntico. As variações locais demonstram que certos orixás, que ocupam posição dominante em alguns lugares, estão totalmente ausentes em outros” (Verger, 1986, p.17)

Com a diáspora Africana o culto dos Orixás se transfere para as Américas e assim a forma de cultuá-los vai ganhando novas formas. Na África, como vimos esses cultos eram tribos ou familiares, porém na sua vinda ao Brasil ganham formas mais estruturais, por exemplo,

como a Umbanda. Além disso, o sincretismo começa a atuar através do catolicismo, como também por elementos de outras etnias africanas. Porém apesar disso os mitos da criação continuam a forma a base dos cultos, como também as características dos Orixás. Estudos sobre essa área vem ganhando espaço no meio acadêmico, como nos diz Reginaldo Prandi:

“A partir da década de 1960 conheceram significativo reavivamento das religiões tradicionais, entre elas as religiões dos orixás constituídas na América, verificando-se grande expansão do candomblé, que da Bahia se alastrou por todo território brasileiro, e da santeria cubana, agora também cultivada nos Estados Unidos, sobretudo entre os imigrantes hispano-americanos. Isso fez proliferar as publicações sobre as religiões dos orixás. Textos oraculares, coletâneas de mitos e fórmulas rituais colhidos na África, em Cuba e no Brasil têm sido publicados por pesquisadores e sacerdotes, geralmente de modo fragmentado e pouco sistematizado. Essas publicações, científicas ou religiosas, foram se tornando mais e mais procuradas, tanto pelos pesquisadores como pelos seguidores das religiões dos orixás, denominados entre nós o povo-de-santo” (Prandi, 2005, p.19).

### Caso específico do vodu

No vodu o culto esta voltado para os loas, seres espirituais concebidos não apenas como divindades do panteão africano,mas também com personificações das forças naturais e dos antepassados dos devotos. Nas cerimônias do vodun, orientados por sacerdotes, a dança e o ritmo crescente das batidas dos tambores levam o praticante a um estado tal que ele acredita ser possuído pelos loas e transforma-se temporariamente nos deuses e deusas, agindo segundo o arquétipo de cada um deles.

Nos rituais, cada loa tem seu próprio brasão sagrado, cor, dia da semana para ser cultuado, invocações e canções, além de comportamentos específicos durante a cerimônia de um devoto. O fiel na presença de Ogun Badagris, por exemplo, que tem o posto de general, comporta-se como um guerreiro, agita a espada, fuma enormes charutos e pede rum. Até a década de 20 o vodun era associado a orgias sexuais e bruxaria. A partir de então, porém, as pesquisas feitas por antropólogos, musicólogos e pesquisadores de danças folclóricas e das faculdades psíquicas humanas vem reabilitando essas práticas.

Apesar disso as opiniões sobre o vodun continuam sendo controvertidas. Muitos o definem como “sincretismo supersticioso decadente” ou “expressão autêntica”. As cerimônias são orientadas pelos sacerdotes (houngan) e sacerdotisas (mambo), conselheiros e guias espirituais da comunidade.

Durante o ritual, os sacerdotes são auxiliados em suas funções por um mestre de cerimônias (La place). A reine de silence é encarregada de manter a ordem, enquanto o hounsi se responsabiliza pelos animais, que são sacrificados na cerimônia. A Orquestra compõe-se de quatro músicos os quais utilizam diversos tipos de tambores, feito em madeira preciosa e

confeccionados segundo processos tradicionais. Obula (tambor pequeno) é posicionado no sentido horizontal e tocado com duas baquetas. O *segond* (tambor médio) permanece em posição quase vertical, entre as pernas do músico, sendo tocado com os dedos ou com baquetas. O *mamam* (tambor grande) fica inclinado no joelho esquerdo do músico. A orquestra tem um *ballet* e cor formados por iniciados (*housi*) de roupas brancas e em número de cinquenta. Formam um semicírculo atrás dos músicos e são na maioria mulheres.

No Haiti existe uma prática forte do Vodou de origem daomeana. De acordo com Alfred Métraux, o nome *Vodum* ou *Vodu*, é uma palavra da língua fon que significa espírito ou deus, apesar de no Haiti ele ser usado para exemplificar o conjunto de ritos africanos que recebem influência católica. Ramos (1979, p.107) reforça essa ideia ao nos dizer que “a cultura que predominou no Haiti foi à daomeana, a avaliar-se pela profunda influência religiosa sobrevivente nos cultos Vodou. Aconteceu no Haiti um fenômeno semelhante ao da Bahia (Brasil) e Cuba, com a cultura yoruba”.

Sobre o sincretismo Joseph Handerson (2009, p.120) diz que “O Vodou é o resultado de um sincretismo de crenças, dos cultos daomeanos, congolês, sudanês e do catolicismo com influência de elementos dos taínos. E, em paralelo com o Brasil, um sincretismo daomeano-nagô-bantu-espírito-católico.

Em relação ao Brasil nos fala Ferreti que:

“O sincretismo afro-brasileiro foi também um meio de adaptação do negro à sociedade colonial e católica dominante. Foi um meio de ajudá-lo a viver e de lhe dar forças para suportar e vencer as dificuldades da existência, de enfrentar problemas práticos, sem se preocupar com a coerência lógica do sincretismo.” (Ferreti. 1995, p.18)

Entendemos então que muitas pesquisas vem desvendando ou buscando compreender melhor as manifestações culturais africanas, como também as suas vertentes na América. A música faz parte de vários tipos de cultos e cerimônias desempenhando um papel fundamental em cada uma delas, seja no Vodou, no culto aos ancestrais, na Umbanda, e assim por diante.

#### Referencias:

BENISTE, José. Òrun ÀIYÉ, O Encontro de dois mundos. O sistema de relacionamento Nagô-Yoruba, Entre o céu e a terra; 2ª edição, Editora Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2000;

GIORDANI, Mário Curtis; História da África anterior aos descobrimentos, Idade moderna I; Editora Vozes, Rio de Janeiro, 1985.

Selene Paniak, Religiões Africanas, edição especial de Homem, Mito & Magia, publicação da Editora Três Ltda;

Sí, Julio di agónju; Religião natural africana, culto e rituais yourubá-anagô. 1º edição, Editora Esteio, 2006;

VERGER, Pierre. Notas sobre o culto aos orixás e voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil, e na antiga costa dos escravos, na África; Editora Ebusa, 1998.

FERREIRA, Luzia Gomes. As Máscaras Africanas e suas Múltiplas Faces. < Disponível em : [http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh\\_II/luzia\\_gomes\\_ferreira.pdf](http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh_II/luzia_gomes_ferreira.pdf) > Acessado em: 07 de agosto de 2010.